



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
Departamento de Geografia
Coordenação de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia**

Linha de Pesquisa: Geografia cultural e da percepção

LUCAS GRANGEIRO SOARES

**ARTE NAÍF: UMA ANÁLISE SOBRE AS REPRESENTAÇÕES
ARTÍSTICAS REGIONAIS DE GUARABIRA/PB NO PENSAMENTO
GEOGRÁFICO**

**GUARABIRA/PB
2022**

LUCAS GRANGEIRO SOARES

**ARTE NAÍF: UMA ANÁLISE SOBRE AS REPRESENTAÇÕES
ARTÍSTICAS REGIONAIS DE GUARABIRA/PB NO PENSAMENTO
GEOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - Artigo Científico) apresentado junto à coordenação do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, através da Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Licenciado em Geografia. Sob a orientação do Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto.

Linha de Pesquisa: Geografia cultural e da percepção

Orientador: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

**GUARABIRA/PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S234a Soares, Lucas Grangeiro.

Arte Naif [manuscrito] : uma análise sobre as representações artísticas regionais de Guarabira/PB no pensamento geográfico / Lucas Grangeiro Soares. - 2022.
52 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto ,
Departamento de Geografia - CH. "

1. Guarabira. 2. Arte Naif. 3. Cultura. I. Título

21. ed. CDD 710

LUCAS GRANGEIRO SOARES

**ARTE NAÍF: UMA ANÁLISE SOBRE AS REPRESENTAÇÕES
ARTÍSTICAS REGIONAIS DE GUARABIRA/PB NO PENSAMENTO
GEOGRÁFICO**

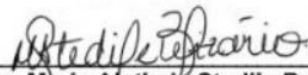
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-
Artigo Científico) apresentado no Curso de
Licenciatura Plena em Geografia, sob a
orientação do Professor Dr. Belarmino
Mariano Neto, na Universidade Estadual
da Paraíba, através da Pró-Reitoria de
Ensino, Médio, Técnico e Educação a
Distância, em cumprimento aos requisitos
necessários para obtenção do Grau de
Licenciatura em Geografia.

Aprovado em: 29/11/2022

Banca Examinadora



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto
Mat. 322487-2 - Departamento de Geografia
UEPB-Campus III.



Prof. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário
Mestrado Acadêmico em Geografia MAG/UECE
Mat. 3.22952-1 - Departamento de Geografia
UEPB-Campus III.



Prof. Dr. Diego Irineu Pessoa (UEPB/CH/DG)
Doutor em Geografia pela UNESP

Dedico esse trabalho, primeiramente aos meus pais, pois é graças aos seus esforços que hoje eu posso concluir esse curso, também a minha noiva que sempre esteve ao meu lado e aos professores e colegas do corpo docente e discente cujo qual fico lisonjeado de ter feito parte.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer as forças que regem o universo, a caminhada foi longa, cansativa, mas proveitosa, infelizmente na metade do curso o mundo foi acometido pela pandemia do covid-19, no que dificultou ainda mais nas experiências que o curso poderia me proporcionar, mas apesar das frustrações, encontrei forças para finalizar essa etapa da minha vida, lembro-me que quando entrei nesse curso em 2017, mal podia esperar por esse momento e que se eu soubesse que passaria tão rápido, eu teria aproveitado mais, mas a vida é assim, é feita de ciclos que tem começo e fim, não poderia deixar de agradecer aos meus pais, seu Luís e dona Maria, que com muito esforços me apoiaram em todas as minhas escolhas, também a minha noiva Aléxia, que esteve comigo durante toda a minha formação acadêmica e não me deixava abalar pelas adversidades, ao meu orientador o Dr. Belarmino Mariano Neto, por dedicar grande parte do seu tempo para me ajudar na elaboração deste trabalho, com sua grande contribuição, a todos os professores do Curso de Geografia da UEPB, que contribuíram ao longo de toda essa caminhada, com aulas muito proveitosas que ajudaram para a realização deste trabalho, a todos os meus colegas das turmas que passei, que durante todos esses anos, fizeram parte da minha vida e ficarão guardados na minha memória, pelas brincadeiras, risadas e muito conhecimento que compartilhamos juntos durante toda essa jornada.

“Quanto mais nos elevamos, menores parecemos aos olhos daqueles que não sabem voar.”

Friedrich Nietzch

(043) LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

TÍTULO DO TRABALHO: ARTE NAÍF: UMA ANÁLISE SOBRE AS REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS REGIONAIS DE GUARABIRA/PB NO PENSAMENTO GEOGRAFICO

LINHA DE PESQUISA: GEOGRAFIA CULTURAL E DA PERCEPÇÃO

AUTOR(A): LUCAS GRANGEIRO SOARES

ORIENTADOR: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/CH/DG) Doutor em Sociologia pela UFPB/UFCG

EXAMINADOR: Profa. Ms Maria Alethéia Stedili Belisário (UEPB/CH/DG) Mestre em Geografia pela UECE

EXAMINADOR: Prof. Dr. Diego Irineu Pessoa (UEPB/CH/DG) Doutor em Geografia pela UNESP

RESUMO

Esta pesquisa buscou fazer uma análise fenomenológica a respeito da prática artística Naif na cidade de Guarabira, na intenção de identificar essa atividade artística em relação com as características geográficas, partindo da ideia de arte como ciência e ciência como arte, o trabalho considerou as percepções artísticas, nesse caso, as pinturas naifs, na compreensão e desenvolvimento de problemáticas geográficas, sendo assim, os objetivos específicos foram: a) identificar os aspectos artísticos referente a arte naif; b) explorar outras formas artísticas culturais que representam características naif; c) caracterizar os aspectos da arte Naif na cidade de Guarabira-PB; d) Discutir o porquê a arte Naif pode denotar problemáticas para ciência geográfica. A metodologia para fundamentar esses objetivos e as hipóteses levantadas foi a fenomenologia, que através de levantamento bibliográfico e da pesquisa qualitativa permitiram argumentar sobre a problematização abordada, entre os autores citados, destacamos, Cássio Hissa (2002), Ângela Mascelani (2008), Mariana Rossetto (2013), Milton Santos (2004), Yi fu Tuan (1980), dentre outros. Abordar esse tema da arte Naif no contexto geográfico é necessário para compreender essas manifestações culturais que a anos existe nessa cidade que, através de uma análise de como ela é produzida, podemos identificar a forte presença dos conceitos representados pela ciência geográfica.

PALAVRAS CHAVE: Guarabira, arte Naif e Cultura

(43) GRADUATION IN GEOGRAPHY:

**JOB TITLE: NAÍF ART: AN ANALYSIS ABOUT THE REPRESENTATIONS
ARTISTIC REGIONAL OF GUARABIRA/PB IN GEOGRAPHICAL THINKING**

RESEARCH LINE: CULTURAL GEOGRAPHY AND PERCEPTION

AUTHOR: LUCAS GRANGEIRO SOARES

**ADVISOR: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/CH/DG) Doutor em
Sociologia pela UFPB/UFCG**

**EXAMINER: Profa. Ms Maria Alethéia Stedili Belisário (UEPB/CH/DG
Mestre em Geografia pela UECE**

**EXAMINER: Prof. Dr. Diego Irineu Pessoa (UEPB/CH/DG)
Doutor em Geografia pela UNESP**

SUMMARY

This research sought to make a phenomenological analysis regarding the Naif artistic practice in the city of Guarabira, with the intention of identifying this artistic activity in relation to the geographical characteristics, starting from the idea of art as science and science as art, the work considered the artistic perceptions, in this case, the naive paintings, in the understanding and development of geographical issues, therefore, the specific objectives were: a) to identify the artistic aspects related to naive art; b) explore other cultural artistic forms that represent Naif characteristics; c) characterize the aspects of Naif art in the city of Guarabira-PB; d) Discuss why naive art can denote problems for geographic science. The methodology to support these objectives and the hypotheses raised was phenomenology, which through bibliographical survey and qualitative research allowed to argue about the approached problematization, among the authors mentioned in the research, we highlight, Cássio Hissa (2002), Ângela Mascelani (2008), Mariana Rossetto (2013), Milton Santos (2004), Yi fu Tuan (1980), among many others. Approaching this theme of naive art in the geographic context is necessary to understand these cultural manifestations that have existed in this city for years and, through an analysis of how it is produced, we can identify the strong presence of the concepts represented by geographic science.

KEY WORDS: Guarabira, art Naif and Culture

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: La Guerre, Henri Rousseau,1894, Óleo sobre tela,114x195cm.....	14
Imagem 02: mestre Vitalino modelando barro, Caruaru PE, 1947, Foto: Pierre Verger.....	22
Imagem 03: Um dia de carnaval, Henri Rousseau, Ano: 1886, Técnica: Óleo sobre tela, Dimensões: 106,9 x 89,3 cm.....	24
Imagem 04: meus animais imaginários, Chico da Silva, Ano: 1965, Técnica: Guache s/ cartão, Dimensões: 0,56 x 0,75m.....	26
Imagem 05: Girassóis e Vaso, Antonio Poteiro, Ano: 2007, Técnica: Óleo sobre tela, Dimensões: 90 x 100cm.....	27
Imagem 06: Marcio Bizerril e uma das suas obras.....	29
Imagem 07: moradores da serra, Marcio Bizerril, Ano: 2020, Técnica: óleo sobre tela, Dimensões:70x90cm.....	30
Imagem 08: Lucas e Adriano Dias em seu Ateliê.....	31
Imagem 09: Adriano Dias e alguns de seus quadros.....	31
Imagem 10: Clóvis Júnior.....	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO – GEOGRAFIA CULTURAL.....	16
2.1 PAISAGEM, ESPAÇO E TERRITÓRIO CULTURAL.....	18
2.2 A CULTURA POPULAR BRASILEIRA.....	20
2.3 A ARTE POPULAR BRASILEIRA.....	21
3 PRINCÍPIOS ACERCA DE ARTE NAÍF.....	23
3.1 ARTE NAÍF NO BRASIL	25
3.2 ARTE NAÍF EM GUARABIRA.....	27
4 COMPLICAÇÕES COM A TERMOLOGIA.....	33
4.1 CARACTERÍSTICAS NAÍFS.....	35
5 DISCUSSÕES, DEMONSTRAÇÕES E RESULTADOS.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

O trabalho busca analisar os aspectos artísticos referente a arte Naíf e a sua fragmentação cultural na perspectiva geográfica, mais precisamente, sobre o surgimento da arte Naíf na cidade de Guarabira e sua importância para a Geografia, partindo da ideia de ciência e arte, podemos entender como as percepções artísticas, nesse caso, as pinturas naifs de artistas regionais, ajudam na compreensão e desenvolvimento de problemáticas geográficas.

A partir dessas e de outras abordagens surgiu a respectiva pesquisa que através do método qualitativo e da fenomenologia buscamos ampliar o conhecimento sobre a prática da arte Naíf e explicar a interdisciplinaridade das representações artísticas com o pensamento geográfico.

A necessidade e o interesse de desenvolver essa pesquisa surgiu antes mesmo de conhecer as técnicas e métodos científicos que norteiam a ciência geográfica, esse fato advém por nascer e crescer na cidade Guarabira-PB, em que se encontra o fenômeno problematizado. Notamos que nesse lugar, existem muitas manifestações da arte e a cultura regional como: danças, teatro, festa da luz, procissões, repente, cordéis, xilogravura etc.

Porém o que mais me chamou atenção foi a arte naif, justamente por sua característica única, que seria a ingenuidade e liberdade quando é manifestada e por mais que tivesse visto expoentes dos outros segmentos artísticos na região essa prática até então era pouco conhecida na perspectiva geográfica, o que me levou a indagar quando e como essa arte se originou na cidade a ponto de possuir grandes artistas de renomes nacional e mundial que trouxeram para essa cidade o título de “capital da arte Naíf brasileira”.

Apesar da arte naíf ter grandes representantes no Brasil, a sua origem é conhecida como francesa e se trata de uma ramificação das artes plásticas que foge de todos os dogmas acadêmicos, sociais e culturais presentes nos segmentos artísticos, podendo equiparar-se como cultura popular, pois sua principal característica é a liberdade e espontaneidade que possibilita um olhar representativo para quem a pratica, pode-se dizer que o surgimento dessa arte está intrínseco desde a origem das primeiras pinturas, porém seu surgimento é

datado do século XX que foi quando passou a ser considerada “arte” pelos expoentes artísticos da época (WRIGHT, 1969).



Imagem 1- La Guerre. Henri Rousseau, 1894. Óleo sobre tela, 114x195cm
 Fonte: <https://arteref.com/movimentos/arte-naif-historia-principais-artistas-e-obras/>

Para compreender a relevância da problemática encontrada é necessário indagar sobre a construção do pensamento geográfico, Wright (1891-1969) foi um geógrafo americano que através de sua teoria “Geosofia”¹ mudou a epistemologia do pensamento geográfico e humanista, em um mundo contemporâneo onde tudo já foi mapeado, mensurado e registrado, ainda existe alguma terra incógnita?

No atual momento em que vivemos pode se dizer que são poucas as terras que o homem nunca tocou, mas essas inquietações levantadas por Wright (1969) instigam pensamentos que demonstram o quão é pequeno a extensão e profundidade do nosso conhecimento sobre as interdisciplinaridades presentes nos inúmeros segmentos do pensamento geográfico.

¹ "Geosofia... é o estudo da sabedoria geográfica de qualquer ou todos os pontos de vista. É para a geografia o que a historiografia é para a história; trata da natureza e da expressão da sabedoria geográfica no passado e no presente - com o que Whittlesey chamou de 'senso humano de espaço terrestre'. (Wright, 1947)

O conceito “terrae incognitae” desenvolvido por Wright (2014) em sua obra “o lugar da imaginação na Geografia” está presente na humanidade desde a origem do primeiro hominídeo, a busca incessante para descobrir e explorar novos horizontes e conhecimentos levaram a espécie humana em toda sua historicidade, a diversas descobertas que nos possibilitaram todo desenvolvimento técnico científico e cultural que possuímos na atualidade, sendo assim, a terra incógnita, presente pela primeira vez nos primeiros mapas marítimos e cartográficos, é um ambiente desconhecido ou inexplorado, para Wright (2014), cada terra considerada incógnita também possuía seus lugares obscuros, da mesma forma que o oriente foi uma terra incógnita para o ocidente, o lado oeste do mundo também representava terras desconhecidas para o leste.

Através dessas e outras indagações ele chegou na conclusão de que por mais que as terras sejam desbravadas, mapeadas, mensuradas e analisadas em todos os segmentos epistemológicos da ciência geográfica, a subjetividade e o contato do homem com a natureza, criará novas terras e fenômenos a serem estudados, mediante a essa ideia de desbravar novos conhecimentos sobre a ciência geográfica.

Foi a partir dessas reflexões que surgiu a necessidade dessa pesquisa que em suma, levou em consideração e problematizou a obra de artistas guarabirenses como Clóvis Júnior, Adriano Dias e Márcio Bizerril, na intenção de encontrar a relação da arte Naíf com a Geografia Cultural, pois os três pintores são expoentes importantes na produção das artes plásticas naif.

Tendo em vista que a cultura é um dos aspectos mais importantes na construção e desenvolvimento da sociedade, identificar e compreender os seus mais diferentes tipos de manifestações representa um papel importante no processo de aprendizagem, pois permite a socialização e construção do ser crítico e pensante.

A partir das ideias elencadas anteriormente, surgiram as hipóteses que nortearam o objetivo da pesquisa, através da compreensão acerca dos aspectos da arte Naíf podemos entender que esse movimento artístico surge da espontaneidade, originalidade, intuição e liberdade do praticante e que foge das regras técnicas que as artes plásticas possuem, possibilitando uma quebra de

paradigmas e construção de hipóteses como: a) Qual o significado de beleza para as artes? b) Mediante a isso, outras ramificações culturais artísticas possuem ou tem como possuir essa característica “livre e espontânea” presente nas artes naïfs? c) Quais são os principais nomes da arte Naíf do mundo e do Brasil? d) Como esse movimento se originou na cidade de Guarabira-PB e quem são os principais artistas dessa cidade? e) Por fim, a análise de como essa atividade artística é produzida denota elementos que constam na ciência geográfica, sendo assim, temos a arte como ciência?

Em outras palavras, a arte Naíf pode utilizasse de aspectos geográficos? e elencar problemáticas para a Geografia através de sua pratica? O andamento da pesquisa tem como objetivo responder essas perguntas através da metodologia fenomenológica, que por meio do estudo de caso e de pesquisa qualitativa, buscará coletar dados como: entrevistas, pesquisa de campo e de arquivos, fontes documentais, entre outros para fundamentar e resolver as hipóteses elaboradas e a problemática encontrada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO - A GEOGRAFIA CULTURAL

De acordo com Claval (1999) a inicialização dos estudos culturais no pensamento geográfico é datada do século XIX em consequência da expansão capitalista que possibilitou técnicas de obtenção, registro e transmissão de informações, mas para chegar na geografia cultural que temos hoje essa ramificação passou por diversas construções epistemológicas que modificaram a sua abordagem e pensamento ao decorrer de suas problematizações.

Em um país como o Brasil, onde existem inúmeras variedades e diversidades culturais, muitas vezes ficamos nos perguntando o que seria essa “cultura” que nos permeia e nos “transforma” em povo brasileiro ou como nação brasileira? Assim como a Geografia, esse objeto de estudo pode ser considerado

multidisciplinar, em outras palavras, existem diversas fragmentações e representações culturais tanto no Brasil quanto no mundo, que constituem totalidades na busca da sua compreensão, sendo assim, entender os aspectos da subjetividade humana no meio que está inserido sempre será um trabalho árduo, pois, por mais que pareçam estáticas, as crenças, costumes e tudo aquilo que pode ser considerado cultura, está em constante influência mediante a globalização.

Para Laraia, enquanto um antropólogo brasileiro que em 1986, selecionou os principais conceitos de diversos pensadores da antropologia em seu livro “Cultura: Um Conceito Antropológico” no intuito de compreender os mais diferentes aspectos relacionados a esse fenômeno e afirma que, além de cultura ser um assunto inesgotável, também “o desenvolvimento do conceito (...) é de extrema utilidade para a compreensão do paradoxo da enorme diversidade cultural da espécie humana”. (LARAIA, 1986, p.116)

Desde o surgimento das primeiras indagações sobre o que é cultura se considerava que o determinante geográfico, sejam eles físicos ou sociais, condicionava as classes culturais, e que, por exemplo, uma criança de qualquer região poderia ser educada em qualquer cultura diferente da dela, desde que houvesse os elementos condicionantes e convenientes de aprendizado, ou seja, por muito tempo acreditava-se que a cultura apenas ocorria pela perpetuação não só educacional como também social e natural, porém, a partir de 1920, alguns antropólogos como Boas (1920), colocaram que essa afirmativa não era correta, pois é possível que cada dia mais, nos espaços globalizados, exista uma grande diversidade de cultura.

Sendo assim, é notório que a cultura possui diversos conceitos e subjetividades na busca da sua compreensão, mas o conceito como hoje é mais conhecido foi sintetizado e estruturado por Tylor (1871) dentro da sua vertente do evolucionismo cultural para abranger todas as realizações humanas, pois segundo ele, cultura seria “um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR, 1871, p. 01). os “hábitos adquiridos” podem ser entendidos como a ação da globalização nos mais

diferentes territórios, refutando a ideia de que a cultura só ocorreria se fosse perpetuada biologicamente.

Como foi citado anteriormente, são amplos os termos que fazem alusão sobre a cultura, dessa maneira, serão utilizados de forma empírica nessa pesquisa, aqueles que se utilizam do pensamento geográfico, cultural e artístico no intuito de salientar os questionamentos observados acerca da problemática do tema, como exemplo:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecedem. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (KROEBER, 1949 citado por LARAIA, 2001, pag. 45).

É notório que analisar teoricamente os conceitos a respeito da temática supracitada sempre representará um desafio, visto que, assim como o objeto de estudo está em constante transformação mediante a temporalidade, as suas teorias também estarão sendo modificadas através das inquietações de outros pensadores que, como introduz Corrêa (1995), utilizam-se de divergências nas definições devido a importância que cada um coloca sobre o tema e qual ciência está sendo abordada como sua forma de análise.

Santos (1994), em seu livro "o que é cultura" enfatiza que, a cultura também pode estar associada a formação intelectual do indivíduo, a manifestações artísticas e a meios de comunicação em massa ou a festas tradicionais reverberando em uma cultura popular, o autor também ressalva que, esse conceito deve abordar tudo aquilo que caracteriza uma população humana, ainda que concordemos com tal afirmação, a realização dessa pesquisa é de cunho artístico que irá abordar a vida e a obra de artistas naifs, mencionando a cultura como conhecimento, ideias e crenças de um povo. Após as definições dos princípios da pesquisa acerca do termo "cultura", partiremos para compreensão dos principais fundamentos sobre a cultura popular.

2.1 PAISAGEM, ESPAÇO E TERRITÓRIO CULTURAL

Para Hissa (2002), a paisagem é um elemento fundamental da Geografia, que constitui tema central na compreensão dos diferentes aspectos da organização espacial do mundo. Ela não representa apenas a realidade do espaço, mas também sua manifestação natural e cultural. Além da paisagem, outras categorias geográficas como espaço, lugar e território, representam todo um universo de complexidade que nos permitem ir de encontro com outras áreas de conhecimento tais como as artes literárias, plásticas, filosofia da percepção, entre outros, em outras palavras, estes segmentos geográficos constituem intermediações entre a imagem e o espaço real. Inserido a esses aspectos e interlocuções geográficas está o “corpo” que representa a ação e modificação do homem no espaço/paisagem em que vive.

’Tais processos externos atravessam lugares, paisagens e territórios e imprimem neles temporalidades e significados móveis. Toda imagem é discurso, pois é o mundo praticado, a práxis do sujeito no mundo (HISSA,2002, pag.188).

Sendo assim, Santos (2002) argumenta que as imagens culturais são sempre pontos de vista, fragmentos de um todo que não existe independente de nós, então podemos dizer que a ciência geográfica é também uma geografia do corpo: o corpo produz conhecimento espacial. Desde as suas origens, a Geografia dependeu de recursos comunicacionais de leitura e descrição do território, inicialmente baseados em relatos (textos discursivos) e na cartografia (desenho de mapas). Com o passar dos anos, diversas foram as modificações no espaço e com isso veio o desenvolvimento e surgimento de novos olhares que contribuíram e contribuem na complexidade desses recursos.

Pode-se dizer que a construção do discurso geográfico antecede o histórico (como discurso) e que é nesse jogo entre o real e a criação do simbólico (linguagem) que o processo de sistematização se constitui enquanto geografia (SANTOS, D. 2002, p.24).

Então, o saber geográfico com a arte pode representar um avanço na compreensão das múltiplas dimensões humanas, isto é, a junção desses

fenômenos totaliza um mar de novos conhecimentos resultados da ação do homem no meio cultural em que vive. Desta maneira criações: literárias, sonoras, dança, teatro, desenho animado, arquitetura, escultura, pintura, cinema, design, gastronomia, fotografia, vídeos, cartografia entre várias outras manifestações humanas culturais constituem diálogos geográficos em suas práticas e experiências vividas em seu espaço-artístico cultural.

2.2 A CULTURA POPULAR BRASILEIRA

Autores como Arantes (1981) argumentam que a heterogeneidade da cultura popular como a literatura, música, pintura etc. é formada pela arte popular e outros elementos que são associados ao trabalho e as habilidades manuais que o indivíduo possui, porém, essa relação resultou em uma má compreensão, fazendo com que muitos pensassem em cultura popular como algo pejorativo ou sem importância já que era produzida, difundida e consumida pela classe subalterna da sociedade.

De acordo com Arantes, “Nas sociedades industriais, sobretudo nas capitalistas, o trabalho manual e o trabalho intelectual são pensados e vivenciados como realidades profundamente distintas e distantes uma da outra” (ARANTES, 1981, p. 13). São vários os motivos que ajudam na desvalorização do primeiro, mas o mais comum é de que o trabalho intelectual supera o trabalho manual. Infelizmente, para muitas pessoas o “popular” é visto como cultura inferior pois é associado com o fazer desprovido do saber.

Mediante a isso, é fácil perceber a complexidade existente ao tentar definir o que seria cultura popular, já que para isso é necessário fazer uso e análise das classes sociais.

Um grande número de autores pensa a ‘cultura popular’ como ‘folclore’, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas “tradicionalistas”, enquanto outros autores concebem essas manifestações culturais ‘tradicionalistas’ como resíduo da cultura ‘cultura’ de outras épocas, filtrada ao longo do tempo pelas sucessivas camadas da estratificação social (ARANTES, 1981, p.16).

Em outras palavras, existem duas definições no que diz respeito ao significado da cultura popular e podemos dizer que ambos estão certos, pois a cultura popular representa uma conjunção de saberes estabelecidos pelas interações dos indivíduos, que reúne elementos e tradições culturais que estão interligados a linguagem oral, sendo assim, ela reúne as mais diferentes manifestações de um povo, como: folclore, artesanato, pinturas, músicas, danças, festas e procissões de padroeiras dentre outros.

Por meio das compreensões vistas anteriormente podemos observar que a arte/artista Naíf também faz parte da cultura popular, visto que essa pratica possui todas as características e realidades dessa cultura, por esse motivo os críticos de arte consideram um artista desse segmento de "ingênuo", pois trata-se de uma produção manual que remeta a tradição sem nenhum traço do saber erudito. Sendo assim, a cultura popular:

Entende-se então por cultura popular as manifestações culturais dessas classes [dominadas], manifestações diferentes da cultura dominante, que estão fora de suas instituições, que existem independentemente delas, mesmo sendo suas contemporâneas (SANTOS, 1994, p.55).

Os artistas naifs Clóvis Júnior, Márcio Bezerril e Adriano Dias estão inseridos nesse contexto, visto que não possuem um acervo de conhecimentos acadêmicos, mas podem ser objetos de estudo e contemplação em várias instituições. A cultura popular se manifesta nas obras dos autores escolhidos para o foco central do estudo e isso foi fundamental para analisarmos a arte Naíf a partir dos três artistas locais.

2.3 A ARTE POPULAR BRASILEIRA

A arte popular diz respeito as produções artísticas (pinturas, literatura, escultura etc.) de pessoas que nunca se especializaram academicamente em artes e que possuem um valor estético, científico e artístico relevante. Geralmente, seus remanescentes são gente do povo que não possuem muitas condições econômicas e que vivem nos interiores do país ou nas periferias dos

grandes centros urbanos, pessoas que entendem e praticam a “arte” antes mesmo de possuir um teor artístico, como ganha pão ou refúgio das complicações mundanas.

Embora a cultura popular esteja relacionada ao modo de vida das pequenas cidades ou comunidades, é o artista como pessoa e residente daquele cotidiano que a representa em sua perspectiva mais nítida, gerando significados comuns a própria localidade que está inserido, expressando como funciona as dinâmicas da convivência humana em relação ao espaço que está inserido.

Na condição de arte viva, que continua a ser feita contemporaneamente, a arte popular aborda temas que podem estimular discussões acerca das principais questões da atualidade: a relação do homem com o trabalho e o emprego; as soluções econômicas alternativas, encontradas pelos membros das camadas menos favorecidas da população; as relações de gênero, o papel social da mulher na sociedade tradicional e nas comunidades urbanas; a questão populacional; a ocupação do espaço urbano; a ética na vida social; as relações com o sagrado, a lei e a justiça. Analisar essas obras permite, portanto, apreender o ponto de vista e a prática dos grupos historicamente marginalizados, abrindo espaço para novas e revigorantes leituras da realidade atual do Brasil (MASCELANI, 2008)

Mediante as informações anteriores, podemos compreender o valor que a prática da arte popular representa, não só para o artista que exprime aquilo que lhe simboliza, mas também para aquele que busca entender o comportamento cultural de determinados povos. Ao longo da história das práticas artísticas populares, diversos foram os autores que se destacaram tanto nacionalmente quanto internacionalmente por meio de atividades artesanais manuais que lhes foram ensinados de geração para geração ou por interesse pessoal do indivíduo.



Imagem 02: mestre Vitalino modelando barro, Caruaru PE, 1947. Foto: Pierre Verger. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com/2010/11/mestre-vitalino.html>

São amplos os segmentos artísticos que se enquadram como manifestações populares no Brasil, o que resulta em inúmeros interpretes com suas próprias características dificultando na escolha de definir quais foram ou são mais importantes na edificação dessas totalidades, mas nesse campo um nome ganha bastante destaque dentre os outros, que seria o de Vitalino Pereira dos Santos (mestre Vitalino), mesmo que na década de 30 a arte Naíf brasileira começou a ser mostrada para o mundo através da ótica de Heitor dos Prazeres, foi somente com o mestre Vitalino que a arte popular começou a trazer olhares das grandes críticas, pois era praticada através de um método que até então era desconhecido pelas classes dominantes, que seria o artesanato de barro.

3 PRINCIPIOS ACERCA DE ARTE NAÍF

O expressionismo artístico conhecido como arte Naíf possui uma gigantesca relevância nas produções de artes populares, e está fortemente relacionado ao que conhecemos como cultura popular, pois nasce da espontaneidade de artistas autodidatas que não detém um conhecimento

erudito. Porém, esse segmento é dotado de suas próprias características que o torna único, para entendermos melhor é necessário compreender como essa prática se originou.

De acordo com Morais (2006), em seu livro “Naive Art”, existem várias controvérsias quando se trata da origem da arte naif, muitos autores dizem que ela surgiu no século XX, porém, essa é a data que os críticos da vanguarda passaram a considerá-la uma forma artística. Em minhas pesquisas pouco se fala de como e de onde essa expressão manifestou-se, mas podemos dizer que foi gradualmente pela Europa e posteriormente o mundo, sendo mais valorizada e difundida na França que a batizou como a conhecemos até hoje, porém, por tratasse de uma forma livre e espontânea, não seria errôneo afirmar que essa arte está presente desde quando o hominídeo teve suas primeiras necessidades de expressão artística (pinturas rupestres).

A palavra Naif é de origem francesa que possui como significado “ingênuo” de acordo com o dicionário SESC: a linguagem da cultura, o termo Naif “[...] é uma designação de origem francesa – literalmente, arte ingênua-para as pinturas e esculturas de técnica autodidata, livre, espontânea, rude e de cunho popular” (NEWTON, 2003, p. 461).

Antes de dar continuidade na história da arte Naif é necessário citar a fundação do salão dos independentes criado em 1886 na França, que foi de extrema importância para a disseminação de artes e culturas populares que fugiam do determinismo acadêmico que pairavam nas práticas artísticas daquela época, com o lema “sem júri, sem prêmios”, essas artes que demonstravam o início do modernismo nessas práticas, influenciou diversos países pelo mundo, como o Brasil que a cem anos atrás em 1922 organizou em São Paulo sua primeira semana de arte moderna que resultou na exposição de diversos artistas populares que ganharam o mundo posteriormente.

Seus trabalhos faziam parte da primeira coleção de arte marginal de que se tem notícia, reunida por Georges Courteline, nos fins do século XIX, e recebendo deste a denominação de Museu dos Horrores. Em 1900, esse conjunto que levava então o nome de Museu do Trabalho Ingênuo, foi focalizado pelo jornal satírico parisiense *cocorico*, no primeiro artigo registrado, igualmente, sobre uma coleção de arte marginal. Rousseau morreria sem a consciência do papel que sua obra desempenharia mais tarde no desenvolvimento da arte europeia (FROTA, 1978, p. 07)’.



Imagem 03: Um dia de carnaval, Henri Rousseau. Ano: 1886. Técnica: Óleo sobre tela. Dimensões: 106,9 x 89,3 cm. Localização atual: Philadelphia Museum of arte, Filadelfia, Estados Unidos

O marco inicial da arte Naíf foi através da exposição do primeiro expoente de grande relevância, Henri Rousseau (1844-1910), que em 1886 levou suas primeiras obras para o salão dos independentes em Paris, onde foram consideradas infantis, ingênuas e até mesmo primitivas por boa parte dos críticos que debochavam dessa técnica a intitulando de “naíf”, em contra partida, outros artistas como: Pablo Picasso, Guillaume Apollinaire e Paul Gauguin que estavam a expor seus trabalhos, demonstraram um imenso interesse e apreciação pela novidade que estavam vendo, o quadro intitulado “um dia de carnaval”, foi a obra que chamou a atenção de diversos artistas que estavam ali a demonstrar o seu próprio trabalho (FROTA, 1978).

3.1 ARTE NAÍF NO BRASIL

De acordo com Frota (1978), a arte Naíf tem origem na espontaneidade de quem a reproduz, dificultando no entendimento de como foi disseminada pelo

mundo, já que não possui regras nem exceções, talvez a única que exista seria a de ser livre quando manifestada pelo indivíduo, sendo assim, diversos países possuem grandes autores dessa característica artística, porém, os mais significativos são o Brasil, França, Estados Unidos e o Haiti.

No Brasil, essa técnica ganhou bastante força, característica e relevância de diferentes povos espalhados por esse vasto território que atribuíam suas realidades socioculturais e naturais (determinantes e condicionantes geográficos) nas mais diferentes formas e cores em suas pinturas, sendo assim, com a diversidade cultural e natural existente em nosso país, não fica difícil imaginar o quanto essa arte é variada e única nacionalmente (FROTA, 1978).

Anteriormente podemos observar que Henri Rousseau ficou conhecido como o primeiro percussor da arte Naïf por ter sido o primeiro a expor esse estilo em uma galeria, mas isso não significa que em outros lugares do mundo ela já não havia sendo praticada, de acordo com o site Guia das artes, na mesma época que Rousseau aparecia nos holofotes artísticos do mundo, um pintor e multiartista brasileiro chamado de Emídio de Souza² (1868-1949), já impressionava os moradores da cidade de Itanhaém(SP) com suas pinturas que compartilhava as mesmas características daquelas mostrada na França por Henri.

Mesmo com o surgimento dessa característica artística começar no Brasil na mesma época que nas terras francesas, ela só passou a ter prestígio mundialmente através de Heitor dos Prazeres (1898-1966), e José Bernardo Cardoso Junior (1861-1947), que passaram a ter mais prestígio após premiações e exposições na primeira bienal de São Paulo (1951) e no museu de arte moderna de New York (MoMA), ajudando posteriormente, a abrir portas para outros artistas populares que praticavam essa habilidade artística que, de acordo com

² Emídio de Souza (1868-1949) nasceu em Itanhaém, litoral de São Paulo, desde pequeno observava Benedito Calixto pintar e assim foi encantado pela arte, ele foi considerado o primeiro pintor primitivista (autodidata) do Brasil, e ainda era poeta, contista, folclorista, músico, professor e teatrólogo. Em maio de 1888, aos 21 anos de idade, mudou-se para Santos para trabalhar como assistente de Benedito Calixto. Em 1893, pinta um quadro da Praça da Matriz de Peruíbe. Atuou como Secretário da Câmara e Chefe da Ferrovia de Peruíbe, mas, em 1924, solicitou demissão do último cargo, voltando para Itanhaém e se dedicando à pintura. Preferiu criar um estilo próprio, ingênuo, poético e puro, do que seguir o estilo clássico do seu mestre Calixto. Seu trabalho foi reconhecido entre as décadas de 30 e 40, marcando sua importância na arte brasileira e também na Arte Naïf. Faleceu em Santos, aos 82 anos de idade.

D'Ambrósio (1999), os artistas brasileiros destacavam-se pois o Brasil é o berço da pintura ingênua por causa da sua tropicalidade, forte presença do folclore e diversidade geográfica.

Sendo assim, diversos foram os artistas brasileiros que tiveram suas obras como destaque em museus nacionais e internacionais ao longo dos últimos anos, como: Chico da Silva (1910-1985) que teve destaque na bienal de Veneza (1966), Antonio Poteiro que inicialmente era um ceramista que foi influenciado por outros pintores, Maria Auxiliadora (1935-1974), Lia Mitrakis (1934-1998), Elza O.S, Rosina Becker e Helena Coelho que desde 1992 participam de bienais de arte Naíf no Brasil.



Imagem04: meus animais imaginários, Chico da Silva. Ano: 1965. Técnica: Guache s/ cartão. Dimensões: 0,56 x 0,75m. Fonte: <http://artenaifrio.blogspot.com.br/2012/08/o-mundo-fascinante-dos-pintores-naifs.html>



Imagem05: Girassóis e Vaso, Antonio Poteiro. Ano: 2007. Técnica: Óleo sobre tela. Dimensões: 90 x 100cm. Fonte: <https://bg1.com.br/shop/antonio-poteiro/poteiro-antonio-girassois-e-vaso-ost-90-x-100-cm-ref-ap-035/>

E a respeito da importância desses artistas brasileiros, o curador da bienal Naïf do Brasil Antônio do Nascimento diz que:

A descoberta do mundo das tintas e dos pincéis acaba se transformando, para uma parcela significativa desses artistas, em uma ótima oportunidade de serem aceitos no seu grupo e de se integrarem à sociedade. E quando conseguem, aumenta a possibilidade de eles serem reconhecidos e valorizados, independentemente de suas origens, dos seus padrões culturais e dos seus bens materiais” (NASCIMENTO apud D’AMBRÓSIO, 1999, p. 168)

Em suma, podemos perceber que as obras nacionais não diferem tanto assim das internacionais, pois utilizam-se de vários fenômenos e elementos (culturais e naturais) do cotidiano que são influenciados. Os artistas paraibanos e em especial de Guarabira, estão entre os produtores dessa arte Naïf com expressões e técnicas semelhantes.

3.2 ARTE NAÍF EM GUARABIRA

Mediante as pesquisas realizada em forma de entrevista com os artistas dessa cidade foi possível traçar uma linha dos acontecimentos cronológicos que consolidaram essa forma artística nesse município, recentemente, foi aprovado pela assembleia legislativa da Paraíba, que, a arte Naíf é patrimônio imaterial cultural desse estado e Guarabira é considerada como a capital dessa expressão.

Para entendermos melhor o motivo desse título é necessário falar do início dessa trajetória artística por essas terras, apesar de todo esse apego e importância por essa característica artística, a prefeitura não possui em lugar nenhum as informações das histórias dos artistas e dessas obras, deixando uma lacuna imensa para quem gostaria de saber mais dessas histórias, por sorte, os expoentes conhecem e resgatam muito bem os nomes e os acontecimentos que permitiram toda essa relevância artística aqui existente.

Para descobrir alguns desses aspectos e considerações, entrevistamos os três artistas locais para entendermos melhor a expressão de que Guarabira é considerada como a capital da Arte Naíf na Paraíba. E as entrevistas foram fundamentais para entendermos com mais profundidade, como estes artistas locais começaram e se tornaram referência local, regional, nacional e até mesmo internacional.

Então, de acordo com Marcio Bizerril e Adriano Dias, antigamente no bairro do nordeste I, existia um senhor chamado de José Dias, natural dessa cidade, morou muitos anos de sua juventude no Rio de Janeiro e retornou para cá na aposentadoria, além de samba ele também praticava essa arte que chamava atenção de alguns populares, mas não ganhou muita fama pois ele não reconhecia o potencial de suas obras. Em 1983, o artista plástico natural de Bananeiras, Alexandre Filho que já era conhecido nacionalmente, veio residir em Guarabira e aqui começou a fazer suas obras naifs que chamou atenção de todo o público que consumia arte da cidade.

Alexandre Filho residiu por essas terras até o início dos anos 2000 que foi quando outro artista natural dessa cidade, mas morava em João Pessoa,

retornou e aqui começou a explorar também essa técnica que já vinha ganhando os holofotes por onde passava, trata-se de Clóvis Júnior que é um dos maiores nomes dessa arte, não só do Brasil, mas do mundo. Esses dois artistas foram os responsáveis por criar a escola de Guarabira, onde possui artistas tradicionais em atividade desde a década de 80 e outros contemporâneos que surgiram após os anos 2000, agregando diversas obras que levam o nome dessa cidade pelo mundo.

Reconhecendo a devida importância por essa prática na cidade, o então prefeito da época Zenóbio Toscano em parceria com o ateliê de Adriano Dias, realizou nessa cidade no ano de 2018 o primeiro Festival Internacional de Arte Naif (FIAN), que já conta com 4 edições, no ano de 2020 não foi possível por causa da pandemia do covid-19.

Esse evento foi o responsável final por consolidar Guarabira com o título de capital dessa expressão no estado, onde em suas edições reuniram artistas do Brasil e do mundo inteiro, no país só existe um evento que se equipara ao nível desse que ocorre aqui, dando mais ênfase a grandeza e a importância que isso representa para a cidade, a seguir irei abordar um pouco da história dos artistas que atualmente são as principais referências dessa atividade no município e Marcio Bizerril é um dos exemplos da pesquisa



Imagem 06: Marcio Bizerril e uma das suas obras. Fonte: acervo do artista

Marcio Bizerril: natural do rio de janeiro, esse pintor que também é ceramista de barro, poeta e cordelista, veio morar na zona rural de Guarabira com apenas um ano de idade e aqui, cresceu vendo essas paisagens, na década de 80 começou a praticar os seus primeiros envolvimento com arte, mas foi somente no ano de 2000, por influencia de Clóvis que ele começou a pintar seus quadros, que encantam com suas simplicidades e representações de uma paisagem de outrora.



Imagem 07: moradores da serra, Marcio Bizerril. Ano: 2020. Técnica: óleo sobre tela
Dimensões:70x90cm.

As obras de Marcio Bizerril lembram os vários elementos paisagísticos e da cultura popular local, com elementos como os acidentes geográficos do relevo, misturando elementos modernos como rodovias e automóveis em contrastes com a zona rural, com burros de carga, transportando os produtos da agricultura, em meio aos elementos da natureza.

Adriano Dias: ele é natural dessa cidade, mas parte da adolescência residiu em Bananeiras e em Areia, por morar em uma rua que possuía bastante artistas, desde cedo ele adquiriu contato com os segmentos artísticos. Foi na década de 80, com a chegada de Alexandre Filho, que começou a fazer suas primeiras pinturas e hoje em dia é tão conhecido quanto o próprio Clóvis, foi

através dos seus contatos no exterior que o FIAN pode ocorrer nessa cidade, dando mais credibilidade ainda ao artista de renome nacional e internacional.



Imagem 08: Lucas e Adriano Dias em seu Ateliê

Fonte: acervo do autor, 2022



Imagem 09: Adriano Dias e alguns de seus quadros

Fonte: Acervo do artista, 2019

Como vemos na arte Naíf de Adriano Dias, surgem muitos elementos de fé, em especial da religião católica, ao exemplo da ceia santa representada em estilo naif, São Francisco e igrejas típicas desse modelo de pintura popular e tradição religiosa como uma das tendências da arte naif.

Clóvis Júnior: apontado por muitos como o principal nome desse movimento artístico e consolidador de uma das escolas de influência da cidade fez sua carreira ainda novo, e diferente dos outros dois citados, ele possui formação acadêmica no curso de educação artística da UFPB onde aulas de gravura com o renomado professor Hermano José, sua primeira exposição artística foi no ano de 1983 aos 18 anos de idade e desde então vem acumulando exposições e prêmios nacionais e internacionais



Imagem 10: Clóvis Júnior

Fonte: Francisco França/Jornal da Paraíba/Arquivo

Clóvis Júnior consegue em uma única obra, misturar os diversos elementos e personagens da cultura popular, além de manifestações culturais como festejos e folclore nordestino, casarios, árvores do cajueiro que é um dos elementos recorrentes em suas pinturas. O pintor também explora temas dos mistérios e valores do imaginário popular e uma das riquezas de sua pintura é a

exploração de cores fortes com uma grande variedade de tons que deixam a pintura com um há de sempre alegre, mesmo que os temas sejam voltados para figuras religiosas, mitos e lendas regionais.

4 COMPLICAÇÕES COM O TERMO

Mediante a abordagem teórica sobre o tema arte Naíf foi encontrado algumas dificuldades na busca de compreensão e definição do seu termo e características, isso advém por causa das limitações existentes na divulgação dessa pratica artística que remetem aos impasses na tentativa de conhecer o que realmente ela é e representa, é verídico que existem trabalhos e autores que exploram esse conceito pelo mundo todo, porem cada um utilizasse de uma caracterização diferente do foco dessa pesquisa, entretanto, outros conseguem ir de encontro com a definição que esse trabalho tenta elencar.

Sendo assim, “Naíf (ingênuo) e primitivo, são palavras que derivam do latim, “nativus”, “ingenius” e “primittus”, que ao pé da letra, significam: o que nasce, o que é natural, nascido livre e o primeiro estado de uma coisa.” (ROSSETO, 2013, p.27). Para D’Ambrósio (1999), primitivos são os artistas não eruditos, em outras palavras, aqueles que tem como o surgimento da arte através de temas populares, geralmente acometidos em áreas rurais, e “naífs” aqueles que possuem referencias urbanas e “arte primitiva” por sua vez, remete aos artistas plásticos que surgiram antes da renascença.

São diversos os termos e nomenclaturas que foram e vem sendo atribuídos ao longo do tempo a essa característica popular artística e para quem a pratica, segundo Morais (2006), os mais comuns nos dias de hoje além da nomenclatura clássica, são: “artistas instintivos”, “novos primitivos” e “artistas de domingo”, é sempre importante salientar que, independentemente do termo que tem como objetivo diminuir a qualidade da arte e do artista, suas obras possuem valores inimagináveis que atravessam os valores estéticos e podem ajudar outros segmentos artísticos, já que o “naíf” por tratar-se de uma característica livre, espontânea e popular, não está intrínseco apenas nas artes plásticas, podendo ser observado em outras manifestações culturais.

Na atualidade, cada vez mais é observável nas mídias sociais o surgimento de “novos” estilos de dança ou música derivados de outro modelo anterior, geralmente criados e consumidos por pessoas das classes menos favorecidas que vivem em favelas e comunidades, como o funk, rap e recentemente o brega-funk que mistura diversos segmentos sonoros e de dança, culminando em um ritmo e estilo diferente e livre característico da população menos favorecida das capitais do nordeste brasileiro, como em Recife-PE que foi onde essa característica surgiu.

Em decorrências dessas informações, não seria errôneo pensar que toda expressão artística humana, sendo elas em forma de pinturas, músicas, danças, peças de teatro e produções populares, derivam, antes mesmo do saber erudito, da necessidade livre e espontânea do expressionismo humano. Como já foi citado anteriormente, desde o seu surgimento, o hominídeo possui uma necessidade de documentar aquilo que lhes causa algum tipo de emoção, geralmente ocasionadas pelo espaço que está inserido, inicialmente em forma de representações em cavernas, passando por toda evolução humana, possuindo características únicas, de povos e de eras, até no presente momento, onde se reinventa cada vez mais mediante a globalização.

Sendo assim, a necessidade da expressão e apreciação artística não é colocada em nós durante o processo de crescimento e construção social, é algo que já vem intrínseco nas condições de ser humano, pois representa a extensibilidade dos sentimentos que apenas nossa espécie, em um planeta tão vasto de vida, consegue sentir e reproduzir através da subjetividade produzida da nossa relação com o meio em que estamos, fazendo-nos perceber que, não é apenas a beleza que dá prestígio a uma obra do segmento artístico, mas sim os sentimentos expressados pelo artista e sentido por quem a está vendo ou consumindo que a faz ter grandes significados além do estético.

Para finalizar esse tópico, trago mais uma vez a percepção da antropóloga Angela Mascelani sobre o que de fato seria a arte, onde é pensada como uma invenção humana que deve ser observada através do tempo, da história, localização do seu espaço e condicionantes culturais, em outras palavras, é a extensão das relações do homem com a natureza e com seu semelhante no

espaço e em um certo período do tempo, por isso, descobrir qual o melhor conceito para definir o que é arte Naíf tornasse ambíguo.

Como foi visto anteriormente, existem diversos termos para essa característica que na atualidade não significa o mesmo de quando foi cunhado, já que designava artistas que produziam obras com grandes significados sem possuir conhecimento acadêmico, hoje em dia, os naifs são artistas amadores ou autodidatas, geralmente das classes menos favorecidas de uma sociedade que possui outra profissão como ganha pão e aventuram-se nos meios artísticos como apreciador ou reproduzidor como Hobbie, mas isso não significa que suas obras não podem se equiparar a um profissional, o que diferencia é a qualidade e a importância produzida pelo artista e atribuída pelo público, então o que faz uma produção artística ter reconhecimento é os sentimentos nela depositados e nela sentidos, no tópico seguinte buscarei explicar que eles vão além dos valores estéticos

4.1 CARACTERÍSTICAS NAIFS

Através das ideias que já foram apresentadas e discutidas nesse trabalho, é notório a instabilidade para tentar definir o que seria a arte naíf, porém, daqui pra frente é necessário atribuir uma característica geral, que para mim, é uma arte que “brota do inconsciente coletivo, mantém-se em constante renovação e se deixa penetrar por influências eruditas, embora conserve sua natureza própria.” (D’AMBRÓSIO, 1999, p. 162).

Agora que foi atribuído um significado a essa nomenclatura, no intuito de compreendê-la melhor, devemos entender também o que caracteriza essa produção nos moldes estéticos das belas artes, que está relacionada a “consciência da autonomia do espaço pictórico, ao uso expressivo e ornamental das cores, ao toque onírico e ao sopro poético presente nos quadros.” (D’AMBRÓSIO, 1999, p. 164)

Sendo assim, a arte Naíf é representações artísticas que utilizam da autonomia e do imaginário do autor para reproduzir um sentimento adquirido sobre determinado lugar, período histórico ou formação cultural, reverberando em obras únicas, nas pinturas podemos observar fantasias, caricaturas diferentes do real ou super realistas, marcadas pelo uso de imagens do cotidiano, pela pureza dos traços, cores e formas, e é exatamente toda essa liberdade expressionista que pode tornar esse segmento como um estilo próprio podendo ser manifestado em outras ramificações popular que surgem longe da esfera acadêmica e erudita.

Toda obra de arte, independente do seu segmento, possui sua característica que a torna única adquirindo um status de beleza por quem a produz e por quem a consome, e para o naíf, esse atributo consiste em praticar de forma livre com seus próprios métodos e afeições, práticas que são produzidas e estudadas por grandes centros acadêmicos e escolas de arte ao redor do mundo, ou consumidas por diversos povos diferentes e essa troca incessante de saberes que são atribuídos como leis para quem vai reproduzi-las, são quebradas pelos artistas primitivos, na mais pura sazonalidade sociocultural e espacial dos seus sentimentos expressados em telas, em grafites, em danças regionais tradicionais e novas, em música, na gastronomia, no humor etc.

Nesse momento da discussão é preciso indagar que as hipóteses levantadas até então possui suas limitações que deverão ser aprofundadas em uma outra oportunidade, porém valem apenas ser indagadas desde já pois nos permite perceber a complexidade da atividade expressionista humana em relação com a natureza e sua cultura, através da globalização e as ferramentas que possibilitam trocas de informações de diversos locais nacionais e internacionais, os segmentos artísticos, que nascem do erudito são transformados, sem perder sua essência, em novas representações, com novos fragmentos, que agrada ou não, e é aí onde seu valor é atribuído como "belo".

A partir daqui, é fundamental orientar que para mim, a beleza de uma arte não condiz apenas com o estético, mas também com os sentimentos que sentimos ao presencia-las, o ser humano é dotado de estímulos como o medo,

a raiva, a angustia, a felicidade, a tristeza, dentre vários outros, que nos caracterizam como esse ser capaz de reproduzi-los em nossas expressões artísticas, então uma obra, não pode ser julgada como importante apenas pelos seus valores estéticos, pois, não somos resumidos apenas a isso, tudo aquilo que surge da personificação artística e cativa um determinado público deve ser considerada como uma obra e ter sua determinada relevância, seja ela estética ou não.

Em continuidade, mesmo que cada artista possua sua própria característica dentro da caracterização geral dessa arte, é o seu espaço cultural que vai determinar o seu contexto artístico, pois ela usa da unificação da estética e o caráter plástico atrelado a realidade social que está inserido, representando paisagens, manifestações religiosas e tudo aquilo que ali ocorre, todos os artistas citados nessa pesquisa são de cunho popular, onde tiveram como principal fonte de inspiração as suas atribuições espaciais, porém, de acordo com o crítico Olívio Tavares de Araújo, a arte possui finalidade em si mesma e não se deve buscar explicação para ela, contradizendo a ideia de que o artista, não expressa na arte naïf, mensagens que mexem com seus sentimentos, mas é conducente falar que essa ideia é retrógrada, pois quem expressa sua arte, está escrevendo uma mensagem com sua alma.

Até o presente momento, é conhecido que a arte Naïf subdivide-se em subgrupos de artistas que não estão atrelados as artes plásticas, porém fazem uso da pintura de arquitetura e de criações arquitetônicas como a gravura, escultura e a cerâmica transformando essas práticas em obras de valores únicos. **A pintura de arquitetura**, de acordo com ROSSETO, 2013, p.33, passou a ser realizada por artistas como Louis Vivin, Agostinho Batista e Rafael Borges de Oliveira, já as **criações arquitetônicas** foram desenvolvidas por Simon Ródia, Raymond Isidore, Ferdinand Chaval e o brasileiro Carlos Luiz de Almeida que tem como trabalho principal a “casa dos cacos” que é um edifício todo revestido por fragmentos de louça, formando várias figuras geométricas, a **escultura**, tem como destaque os nomes de Geraldo Teles de Oliveira, com obras expostas em Paris e em Veneza, Manoel Galdino e José Barbosa, na **gravura** destaca-se José Antonio da Silva e Maria Auxiliadora, por fim, na **cerâmica**, o maior expoente é o mestre Vitalino.

5 DISCUSSÕES, DEMONSTRAÇÕES E RESULTADOS

Como foi citado anteriormente, esse trabalho utiliza-se da metodologia fenomenológica que através do estudo de caso e de pesquisa qualitativa, foi possível identificar e discutir sobre as problemáticas encontradas a respeito da prática popular artística naif, mais precisamente, ao analisar as obras dos artistas municipais, nacionais e internacionais dessa área e após levantamento e organização de material científico e entrevistas subjetivas, foi possível observar a constante presença de segmentos geográficos nessa prática.

Esses fragmentos são representados de acordo com a subjetividade de cada autor, assim remetendo a ideia de que a arte Naif está atrelada com ciência independentemente se esteja sendo produzida por autodidatas e isso ocorre pois, essa prática é regada de cultura, religiosidade, território, espaço, paisagem e acima de tudo o lugar que abrange esses e outros aspectos científicos onde agem nas relações de experiência, percepção e existencialismo de quem a produz e de quem consome.

Sendo assim, de acordo com Tuan (1983), três palavras marcam a caracterização do lugar, são elas: percepção, experiência e valores, esses lugares naturais e culturais, guardam os sentimentos que despertamos através dele mesmo, transformando-se em núcleos de valores que possibilitam relações pessoais e externas em cada indivíduo, o autor ainda afirma que, essas transformações ocorrem quando se atribui significado e valor a determinado espaço, dando ênfase que o lugar só existe quando é vivenciado pela pessoa.

Através disto, irá ser mostrado a seguir os dados das entrevistas realizadas com os artistas de arte Naif da cidade de Guarabira/PB, onde foram apresentados e discutidos dez (10) perguntas iguais para ambos, que abordam as hipóteses levantadas e a problemática definida.

- 1. Você sabe como essa prática artística se originou na cidade de Guarabira/PB e quem foi seu precursor?**

MB: “nós temos conhecimento que, o primeiro artista que começou com esse estilo de arte Naíf ou primitiva na região foi o artista com o nome de Alexandre Filho que creio eu que seja da cidade de Bananeiras, mas passou muito tempo aqui por Guarabira e fez vários trabalhos aqui na nossa cidade na parte de cultura, hoje ele mora em João pessoa com seus 90 anos e é conhecido e renomado internacionalmente, logo em seguida temos o nome de Clóvis Dias Júnior que foi erradicado de João pessoa para cá e vem levando nome de Guarabira para o mais alto tablado, ganhando diversos prêmios, até pela onu né”

AD: “Guarabira ela tem uma característica, se você for pegar os artistas que tem aqui são diversos até mesmo de outros de fora que fazem daqui sua inspiração, como é o caso de Alexandre filho, antes de tudo, essa arte passou por todos os “ismos” presentes no processo da construção artística e nunca se reinventou ou perdeu sua essência, aqui em Guarabira o primeiro foi a figura de José Dias, cum coroa lá do bairro do nordeste, metido a boêmio e pintava e tocava, ele morou um tempo no rio de janeiro e de lá voltou, ele só não ganhou os holofotes pois não tinha clareza em seus trabalhos, isso foi na década de 80 quando Alexandre Filho veio morar aqui na cidade, mas antes disso, existia uma figura aqui na cidade chamada de Marco Lira que era bem famoso por reproduzir essas artes renascentistas, toda burguesia da cidade amava e consumia suas obras, só era chique quem tivesse uma delas em sua casa, quando Alexandre chega com seu trabalho que já estava bem badalado no Brasil e era totalmente o oposto do outro, então aquelas formas grandes e pequenas, cheia de luz e cores diferentes chamou bastante a atenção, ele e Clóvis passaram a produzir aqui no mesmo período mas em determinado momento ele sai de Guarabira deixando Alexandre que assim como eu fui influenciado diversos outros surgiram dessa escola, posteriormente Clóvis retorna e até hoje influencia diversos outros.”

2. Durante o seu processo de formação quanto artista autodidata, em que momento essa arte lhe chamou atenção e faz quantos anos que a pratica?

MB: “antigamente existia uns catálogos de telefone que a “telpa” fazia e distribuía que possuía as obras de Clóvis Jr, apesar de já conhecer o Alexandre

Filho, foi com as pinturas de Clóvis que me deixou fascinado, pelas cores, pelas temáticas que ele usava, então isso me despertou o interesse para essa prática e estilo de pintura. Comecei os meus trabalhos nos anos 2000, a 22 anos atrás.

AD: “foi quando Alexandre chegou em 83, foi um divisor de paradigmas, alguém bem famoso no meio artístico fazer moradia e produzir aqui influenciou diversas pessoas, eu morava numa rua que tinha bastante música, vários sanfoneiros e violeiros eu já gostava da pintura e quando vi as obras de Alexandre eu fiquei instigado a fazer aquilo, mas eu relutei bastante para começar até ver uma exposição de Elias dos Santos e comecei a me aventurar e minha primeira exposição chamada de “risco e ponto” onde eram obras desenhadas a mão, isso foi em 1987 no ano seguinte eu participei da minha primeira grande amostra de arte que constava com 120 artistas da Paraíba toda e isso abriu muitas portas.”

3. É inegável que, como brasileiros, nordestinos e guarabirenses, possuímos um acervo artístico cultural bastante diverso, sendo assim, porque a escolha de se expressar artisticamente pela arte naïf?

MB: a escolha de me expressar artisticamente pela arte Naíf é porque, essa arte é uma arte que eu acho muito bela, o artista tem a licença poética para deixar os elementos e as figuras e gravuras, é, coloridas né? Mais alegres entende? Então por isso que escolhemos essa pintura naïf, porque temos licença poética para deixar essa cultura nordestina com a alma mais bonita.

AD: “como falei anteriormente, Alexandre foi o grande divisor de paradigmas através de sua influência não apenas eu, mas diversos outros artistas começaram a pintar também e estão por aí até hoje levando essa arte guarabirense para o mundo, por mais que tivesse diversos outros segmentos artísticos e muito bem representados na cidade, essa prática foi diferente de tudo, igual pois é uma pintura na tela, mas diferente de técnica, conceito, cores e tudo o mais que compõe essas obras”

4. Em sua concepção, qual o significado de arte naïf?

MB: “o significado para mim de arte Naíf é que é uma arte intuitiva, é... uma poesia, onde o artista consegue se expressar naquilo que está sentido e passa seus sentimentos através dessa arte de uma forma livre e colorida”.

AD: “é uma pergunta bastante interessante, a nível de Brasil hoje existem muita discussão entorno dessa questão, sua denominação vem da França que significa ingênuo ou primitivo, mas ao longo do tempo ela vem se modificando, a repetição de determinado trabalho faz com que você melhore, então para mim, temos que nos desapegar desse contexto estrangeiro, hoje em dia tem diversos acadêmicos de arte que possuem outras técnicas de pinturas e são muito bons nelas, mas preferem se expressar pela arte Naíf e eu acho isso muito impactante pois sai de algo que possui técnica para algo livre, então para mim a arte e o artista Naíf é uma arte que é expressada livremente por pessoas que possuem conhecimento acadêmico ou não, existem muitas pessoas nesse meio que nunca praticaram escola artística nenhuma e ganha os holofotes.”

5. Atualmente, a arte Naíf passou a ser considerada patrimônio cultural imaterial da PB e através da representatividade e a originalidade de artistas da região como você, Guarabira é considerada a capital dessa expressão, sendo assim, como você se sente com tamanha importância devidamente aplicada?

MB: eu fiquei muito feliz com a questão da arte Naíf ser considerada patrimônio cultural e imaterial da paraíba e tendo Guarabira como sua capita, é realmente... no hino da nossa cidade o Genival Macedo escreveu que Guarabira é o berço da cultura e fez jus ao nome de nossa cidade, porque temos artistas de grandes valores e essa terra serviu de berço para suas inspirações, então eu fiquei muito feliz, Guarabira hoje é uma cidade que é muito respeitada, já houve diversos festivais internacionais dessa arte e fez intercambio com artistas não só daqui, mas da paraíba toda com os da Europa, então isso é de grande importância e relevância, não só para mim como artista, mas para todos os cidadãos.

AD: “sem falsa modesta, quem trouxe esse titulo para a cidade foi o meu ateliê, em 2014 eu viajei para Europa para expor minhas artes e ao retornar, Zenobio Toscano me procurou para realizar um evento desse porte aqui na cidade, mas por falta de interesse do seu secretário, esse evento só veio ocorrer

a primeira vez anos depois em 2018, então comecei a reunir amigos nacionais e conhecidos internacionais para compor a galeria nessa primeira exposição na cidade, até 2016 só existia no Brasil um evento desse porte internacional que é a bienal naifs, produzido pelo SESC Piracicaba e comparado ao que a gente vem fazendo aqui o nosso é bem melhor e vem reunindo diversos artistas do mundo todo e do brasil que vem conhecer a nossa cidade e sempre doam obras que enriquece ainda mais o acervo artístico da cidade, então essas relações e esse título são muito importante para Guarabira e os guarabirenses que devem conhecer e consumir mais de sua cultura”.

6. Para você, qual o significado de “beleza” em uma arte? seja ela de origem Naíf ou não.

MB: “a beleza está dentro de nós e na forma que observamos as coisas né... da forma dos sentimentos que estamos passando no momento, dessa forma que eu vejo a beleza, cada um possui a sua própria que ocorre através do sentimento”

AD: “pra responder essa pergunta eu preciso falar de mim mesmo e de minha formação, antigamente vendia uns livrinhos na banca que ensinava algumas técnicas de desenho e pintura, então através disso eu fui estudando e me aperfeiçoando por conta própria em busca de um equilíbrio, para mim, a beleza de uma arte é seu equilíbrio, como numa música, tem que ter harmonia, apesar de existir musicas que fazem uma quebradeira, ela ainda vai ser harmoniosa do seu jeito único, a coisa mais revolucionaria do mundo é a arte, por isso nas escolas não são levadas a sério pois o fazer artístico esta atrelado ao ato de pensar, então para mim beleza é isso, harmonia e pensamento artístico”.

7. Sabemos que a arte Naíf possui ramificações que fogem do critério plástico, como: escultura, gravura, cerâmica, criações e pinturas arquitetônicas, sendo assim, você acha que essa característica pode ser identificada em outros segmentos artísticos, como dança, música e teatro?

MB: “é justamente, o artista tem essa coisa de utilizar outros segmentos da sua maneira, utilizando diversas formas diferentes, aqui em Guarabira eu conheço artistas que são autodidatas que usam e se expressam com aquilo que está dentro deles, como o Luís Firmino, ceramista autodidata aqui da nossa

cidade que é catalogado e tudo como também o finado mestre Deda, então sim, o artista pode utilizar-se dessa parte ingênua para se expressar-se em outras formas artísticas”.

AD: “para mim há controversas, veja bem, para alguns mais antigos a arte Naif ela apenas ocorre na tela, nas artes plásticas, porém, nos últimos anos o conceito do que seria Naif vem se reinventando e consegue se manifestar em outras práticas como você citou anteriormente, então a maioria dos artistas nunca teve contato com essa arte e em um determinado momento consegue executá-la através da repetição e desejos próprios, que configura um saber erudito, quando eu elaborei o FIAN ele possuiria quatro segmentos, a dança com o xaxado, o teatro e os bonecos de babau, a literatura com os cordéis e as plásticas com a naif, que iria apresentar artistas inteiramente da cultura popular, então em minha visão esses segmentos que eu citei poderiam se adequar aos moldes da arte naif.”

8. Ao analisar suas obras, é notável a constante presença de paisagens regionais, naturais e culturais que são expressadas de diferentes formas e cores em suas telas, sendo assim, o meio que você está inserido é a sua inspiração? E qual a importância de representar artisticamente esses lugares?

MB: “eu nasci no rio de Janeiro, mas vim para Guarabira com um ano de idade e aqui eu fui criado né andando pela zona rural, tomando banho de rio de açude, indo para roçados, vendo os agricultores, a minha família tinha um sítio no maciel e a gente plantava e colhia muito algodão, então esses momentos e imagens ficaram na minha memória entende? então sempre tento resgatar essa vivência através das minhas obras, como também tento falar um pouco da nossa cultura e do nosso cotidiano e talvez se eu continuasse no rio de Janeiro meu cotidiano seria outro a ser expressado, talvez nem estaria pintando, então sim, essa vivência que eu tive me influenciou bastante.”

AD: “eu sou de um tempo aqui da cidade, que Guarabira tinha feira, feira grande de verdade, todo sábado aqui, essas lojas de tecido tinha um trio de forró tocando na frente, todos, do armazém Santos a casa Recife, a feira era um palco a céu aberto, você encontrava embolador de coco, tinha violeiro, cordeleiro, tinha o cara da cobra, era uma loucura e meu pai era radiotécnico, então todos esses

caras que se apresentavam com um som conhecia meu pai para concertar os sons quando quebrassem, então todos eles passavam por lá e eu conhecia todos, então dentro desse contexto, eu não gosto de pintar apenas a feira que eu via quando criança, mas também as características da cidade e do bairro que eu morei, no cordeiro tem muita ladeira onde possuía diversas casas antigas que gosto de representar em minhas obras, essa questão arquitetônica é bastante significativa pra mim, muito relevo, e isso me marcou muito, como a questão da religiosidade também, com as romarias de frei Damião e atualmente seu memorial que virou cartão postal da cidade, morei um tempo em Bananeiras e em Areia, onde fui bastante influenciado também, então sim sempre onde morei e residi, foram minhas inspirações e isso é bastante importante pois resgata essenciais que eu não consigo observar mais na paisagem.”

9. Apesar de ser autodidata, você consegue identificar que existe ciência geográfica nessa prática artística?

MB: “veja só, como poeta e artista Naíf eu procuro abordar e resgatar, preservar a nossa cultura nordestina, pois entendo que, o povo sem cultura é um povo sem história, então, nas minhas obras eu tento expressar aquilo que nós temos de melhor na nossa cultura, no folclore, nas danças, o forró, a religião e os mitos nordestinos, onde sempre estou abordando os cangaceiros, porque sabemos que lampião foi um mito e pra muitos um bandido e para outros herói, então, eu tento abordar as coisas vividas da nossa região mas também a vegetação, a nossa caatinga né... então eu sempre coloco em meus trabalhos o mandacaru, a palma tora que tem muito aqui no meu sítio, a fauna e a flora, então tudo isso é o que eu tento expressar, tentando falar com minha arte para contar a nossa história, da nossa gente do nosso povo, como vivem o nosso cotidiano do homem comum, então eu também falo do solo e da terra, entende? então para mim existe muito de geografia em nossa prática, as vezes nem podemos perceber, mas posso afirmar que tudo que produzo é influenciado por ela”

AD: “Célia Santiago é uma artista Naíf que produz obras de cerâmica, a característica dela é conseguir replicar exatamente como era bairros e cidades de antigamente, recentemente ela foi convidada para reconstituir a cidade de

são Paulo e diversos alunos da área de arquitetura, utilizam-se de suas maquetes como material de estudo, mas isso é só pra mostrar que até mesmo os segmentos Naíf que fogem da tela podem ser material de estudo também, nessa pratica que eu faço é inegável a presença da Geografia que esta presente nas paisagens e imagens que buscamos representar, é um recorte dos segmentos da geografia através de nossa subjetividade”.

10. Para finalizar, em sua opinião, poderíamos afirmar que as práticas da arte Naíf não só se utiliza de aspectos geográficos como também podem demonstrar material de estudo para essa e outras ciências?

MB: “realmente essa arte utilizasse sim da geografia, pois a gente retrata a nossa gente e também a terra, o campo o cotidiano né, que como você bem disse pode mudar de um lugar para outro, então utiliza sim, você pode observar em meus trabalhos que eu coloco até aquelas arquiteturas populares antigas, essas casas simples, o pé de serra, entende, são tudo inspirações que eu vi aqui em Guarabira, quando mais novo eu ia muito para o rio do escrivão e lá tem várias serras e morros que sempre coloco em minhas obras, como também lagoa de serra um povoado que se encontra lá.”

AD: “não só apenas eu, mais todos os artistas que produzem arte naif, estão utilizando de Geografia, isso está bastante presente, nas paisagens naturais que pintamos e na vida e no cotidiano em que estamos inseridos, se o espaço é geográfico e a arte Naíf o representa através da subjetividade então estamos representando a Geografia na sua forma mais pura através dos sentimentos que temos”.

Através dos dados apresentados em forma de entrevista é possível fazer um pequeno recorte do fenômeno estudado na tentativa de fundamentar as hipóteses que norteiam a problemática, para isso, irei elencar a seguir cada uma delas no intuito de comparar com as respostas colhidas, é importante salientar que, os conhecimentos adquiridos nessa metodologia partem da subjetividade que o fenômeno analisado nos proporciona.

A) Qual o significado de beleza para as artes?

Essa primeira hipótese busca compreender qual o significado que a beleza pode ter nas artes, partindo da ideia de que nos dias atuais, esse conceito está cada vez mais abstrato, a sexta pergunta da entrevista aborda esse tema com os artistas que produzem uma obra que fogem de todos os dogmas estéticos que uma produção artística deve possuir, não venho aqui dizer que é uma expressão onde não possui técnica, pelo contrário, essa característica livre que permite o expressionista brincar com sua subjetividade sobre determinado recorte das paisagens naturais e humanas tornasse uma técnica única, onde podemos observar padrões irrealistas de cores, formas e tamanho do espaço convencional que estamos acostumados a enxergar.

sendo assim, os dois entrevistados possuem uma ideia totalmente diferente uma do outro, MB define que a beleza está dentro de cada um de nós e manifestasse através dos nossos sentimentos, já o AD, diz que toda arte deve possuir harmonia, só assim ela pode ser bela, então para ele, a beleza de uma arte é uma harmonia, porém até mesmo em músicas que sejam uma “quebradeira” e não pareçam possuir uma harmonia como as das músicas clássicas por exemplo, ela possuirá essa característica que será percebida pelo público que a consome. Podemos observar que por mais que sejam diferentes um dos outros, ambos afirmam que a beleza é própria de cada pessoa, onde alguns irão defini-la através dos seus sentimentos e outros pela harmonização, mas em momento algum foi citado por eles que beleza é definida pela estética.

B) Mediante a isso, outras ramificações culturais artísticas possuem ou tem como possuir essa característica “livre e espontânea” presente nas artes naïfs?

De antemão, gostaria de informar que essa hipótese não está esclarecida por completo e deverá ser aprofundada em um outro momento, mas na pergunta de número sete essa questão foi abordada, onde os dois entrevistados demonstraram sinais de anuência mediante essa ideia apresentada, MB diz que o artista Naíf é aquele que de forma ingênua e própria, pratica uma característica artística utilizando-se de segmentos de outras obras ou não, já o AD, aponta que existe controvérsias sobre esse assunto que já vem sendo debatido pelos artistas, onde alguns de rigor mais conservador defende que Naíf só se aplica em quadros, porém diversas outras modalidades artísticas visuais de cunho

popular vem se enquadrando nessa característica que segundo ele, superou todos os “ismos” presente nos segmentos de arte visual e vem resistindo até hoje. É notório que essa hipótese levantada tem um potencial enorme de ser respondida, porém falta embasamento teórico, que será fundamentado posteriormente.

C) Quais são os principais nomes da arte Naíf do mundo e do Brasil?

Como podemos observar no decorrer das discussões desse trabalho, são diversos os artistas Naíf de renome no Brasil e no mundo que ganham espaço nos holofotes artísticos através dessa prática, por mais que ela tenha aparecido em exposição pela primeira vez na França, onde foi batizada e “criada”, através do referencial teórico levantado, não seria errôneo afirmar que cada país do mundo veio manifestando essa técnica do seu jeito ao longo dos anos, possuindo o Brasil, Haiti, Estados Unidos e a própria França como referências mundiais dessa característica, então tornasse difícil com tantos expoentes selecionar os melhores, mas desses os destaques nacionais são: Emidio de Souza, Heitor dos Prazeres, Cardoso Júnior, Chico da Silva, Antônio Poteiro, Alexandre Filho, Clóvis Júnior, Adriano Dias, Maria Auxiliadora, Lia Mitterakis, Elza O.S, Rosina Becker, Helena Coelho entre vários outros.

D) Como esse movimento se originou na cidade de Guarabira-PB e quem são os principais artistas dessa cidade?

É inegável que exista diversos artistas de renomes nessa cidade, porém a história de como essa atividade surgiu não encontrasse nos museus nem nos sites da prefeitura onde sempre enaltece essa rica cultura predominante, mas se esquece de fundamentar a sua construção histórica, sendo assim, eu só obtive esse resgate quando conversei com os artistas entrevistados onde apresentaram que o primeiro a praticar essa arte foi um senhor chamado de José Dias, mas não dava muita importância para o que produzia e em 1983 o artista que já era conhecido nas revistas de arte brasileira, Alexandre Filho, veio morar em Guarabira e aqui organizou diversas exposições e influenciou bastante gente, no início dos anos 2000 ele mudou para a capital, justamente quando Clóvis Júnior retorna para suas terras e aqui começa a dar vida a diversas obras fenomenais que influenciou diversas outras pessoas, quando essa cidade

ganhou o título de capital dessa expressão, foi intitulada duas escolas de influência que remete a esses dois autores, mediante a isso, são vários os artistas dessa cidade, alguns bem famosos como: Clóvis Júnior, Adriano Dias, Márcio Bizerril, Elias dos santos, mestre Chico, mestre Deda, mestre Cledio e outros fizeram e fazem uma carreira mais singela como: José Dias, Alighieri Dante, Urbano, Samuca, Mardem, a lista é bem extensa, mas creio eu que esses nomes citados representam a grande força cultural que essa cidade possui.

E) Por fim, a análise de como essa atividade artística é produzida denota elementos que constam na ciência geográfica, sendo assim, temos a arte como ciência?

As três últimas perguntas da entrevista realizada busca responder essa que é a principal problemática e motivo dessa pesquisa, que em meu ver, através de tudo que foi abordado, embasado teoricamente e discutido demonstra o lugar da arte na ciência, para identificar essa possibilidade, primeiro fazemos a caracterização dos segmentos geográficos que são representados na arte naif, são eles, espaço, lugar, paisagem, território e cultura: como podemos observar anteriormente, essas características são iguais pois coexistem e se manifestam através do mesmo ambiente, porém destoam entre si, pois umas faz alusão a forma estática e o outros a forma vivida e experienciada, é aqui que toda a nossa problematização surge, mediante a geografia crítica, o lugar transformasse e deixa de ser apenas de tendência fenomenológica e passa a ser considerado também, uma construção social, para Santos (1994), o lugar abarca uma permanente mudança, decorrente da própria lógica da sociedade e das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço geográfico, sendo assim, a sociedade muda o espaço e atribui significado ao lugar mediante a sua constante relação de modificação, para fundamentar isso melhor:

“Tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar” (SANTOS, 1994, p. 97).

Sendo assim, em meio as coisas que compõe e fazem relação no espaço/lugar está o homem que através do corpo, modifica as paisagens

naturais e criam paisagem cultural, conforme Hissa (2002), esses processos de modificações, gravam no lugar temporalidades e significados moveis e subjetivos que irão resultar na construção da cultura de determinado povo, influenciando sua forma de vestir, de falar, de trabalhar e de tudo aquilo que compõe e caracteriza o sujeito como cidadão, em outras palavras, o corpo quando entra em processo de modificação do espaço, ele cria paisagem cultural e atribui valores que resulta no lugar, onde esses valores irão ser transformado em cultura que por sua vez gera sentimentos e capacidade de se expressar artisticamente.

Mediante a esses processos infinitos de ação, modificação e relação do espaço pelo homem, a cultura manifestasse em sua forma popular através da acumulação de práticas e valores sentimentais, que por sua vez, resulta em uma arte de produção popular que nada mais é a forma mais pura e singela de demonstrar a relação do homem com o meio que está inserido, se tudo é produzido e modificado através da vivencia no espaço e tudo que o ser humano produzir partirá dessa convivência, toda imagem produzida pelo homem é um discurso do mundo praticado, sendo assim, as imagens culturais são sempre pontos de vista, que fragmentam o lugar e só existem através de nossa presença, então o corpo, através dessas relações produz conhecimento espacial, científico e artístico.

Quando indagados sobre essas possibilidades geográficas em suas artes, ambos os artistas entrevistados concordaram com essa afirmação, primeiro lhes perguntei se tinham noção de que o meio que estão inseridos lhe influenciam, em seguida foi perguntado se eles conseguiam enxergar a ciência geográfica em suas práticas artísticas e se poderíamos afirmar isso, MB nos diz que é totalmente influenciado pelas paisagens rurais que via quando criança e que se estivesse em outro local, talvez nem estaria pintando, AD também faz essa afirmação, apontando que a feira, as construções arquitetônicas e religiosidade presentes na cidade e na região o inspiram até hoje e no que se diz respeito da utilização da Geografia, apesar de serem autodidatas, ambos conseguem identificar essa conjunção muito bem, fazendo alusão de que suas práticas só existem através da ciência geográfica, onde se utilizam de suas características

espaciais, para contar a história, os costumes, os valores e a cultura de um povo, como também a fauna e a flora que os acolhe.

Através do que foi elencado anteriormente fica fácil entender que o lugar das artes na ciência ocorre através da construção humana no meio em que vive, o saber científico anda lado a lado com o artístico, são expressões que surgem do mesmo fenômeno, o espaço vivido, e que possuem interdisciplinaridade em suas práticas, pois, quando os artistas realizam determinada obra, nesse caso as pinturas naifs, estão utilizando dos segmentos empíricos da ciência geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respectiva pesquisa buscou compreender se os segmentos da ciência geográfica possuem relação com as manifestações artísticas naif, no intuito de agregar ainda mais aos conhecimentos dessa característica que é extremamente importante para nossa cultura, a partir de leituras e artigos científicos que abordam o tema da investigação o trabalho foi pesquisado e redigido, onde utilizasse do referencial teórico para salientar as hipóteses discutidas e posteriormente para compreender ainda mais essas indagações, foi realizado entrevistas subjetivas com pessoas que trabalham, praticam e disseminam o fenômeno dialogado.

Com isso, a ideia de que o saber/fazer artístico usa o espaço geográfico como fonte de inspiração pode ser confirmada, pois, ao realizar pesquisa sobre trabalhos científicos a cerca desse determinado assunto, pouco foi se encontrado, não é comum trabalhos que misturam a arte com ciência, mas existem alguns que faz essa ligação indiretamente, como atrelar a religiosidade cultural a esse segmento artístico. Mediante ao que foi debatido anteriormente, tudo que o homem manifesta é através da sua relação com o espaço/lugar que habita, característica essas pertencentes ao estudo da Geografia, sendo assim, esse segmento é fruto da relação que o corpo possui com o meio, onde, ao mensurar e registrar em telas de pinturas os costumes, os valores, o dia a dia de um povo e os condicionantes naturais que os rodeiam, também estão fazendo um resgate geográfico, que atua nas principais teorias dessa ciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antonio Augusto. O que é Cultura Popular. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996
- D'AMBROSIO, Oscar. Os pincéis de Deus: vida e obra do pintor naif Waldomiro de Deus. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- D'AMBROSIO, Oscar. Henri Rousseau, o pai da Arte Naïf. Disponível em: <http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/henrirousseau.htm>. Acesso em 10 de set. 2022
- FROTA, Lélia Coelho. Mitopoética de nove artistas brasileiros. Vida, verdade e obra. Rio de Janeiro. FUNARTE, 1978.
- HISSA, Cássio E. V. A mobilidade das fronteiras: inserções da Geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. 316p.
- LARAIA, Roque De Barros. Cultura um conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1986. 116 p
- MASCELANI, Ângela. Arte Popular Brasileira. Disponível em: <http://www.popular.art.br/htdocs/default.asp?criterio=tema&artigo=tema>. Acesso em: 01 jun. 2008
- MASCELANI, Ângela. O Mundo da Arte Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal; Mauad, 2009
- MORAIS. Naiv Art. Lisboa: Lima, 2006
- Rossetto, Mariana, 1986- Arte Naïf: Da Santa Ceia aos Orixás / Mariana Rossetto. - São Paulo, 2013. 101 f.; il.
- SANTOS, Douglas. A Reinvenção do Espaço. São Paulo: UNESP, 2002
- SANTOS, José Luiz. O que é Cultura. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994
- SAUER, Carl O. Geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Introdução à geografia cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 19-2

- SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. 3^o ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005. Revista Formação, nº14 volume 2 – p. 48-60
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4^oed. São Paulo: Edusp, 2003
- TIRAPELI, Percival. Arte Popular Séculos 20 e 21. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006
- TUAN, Yi Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Yi Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de oliveira. DIFEL: São Paulo, Rio de Janeiro, 1980.